

# Marx e o Marxismo 2015: Insurreições, passado e presente

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 24/08/2015 a 28/08/2015



TÍTULO DO TRABALHO			
CAIO PRADO JÚNIOR: uma interpretação marxista do brasil			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Wilson Vieira	Universidade Federal do Rio de Janeiro	UFRJ	Professor
Bruno Borja	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	UFRRJ	Professor
Filipe Leite Pinheiro	Universidade Federal Fluminense	UFF	Mestrando
Marco Antonio Martins da Rocha	Universidade Estadual de Campinas	Unicamp	Professor
Maria Malta	Universidade Federal do Rio de Janeiro	UFRJ	Professora
Carla Curty	Universidade Federal do Rio de Janeiro	UFRJ	Doutoranda
RESUMO (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>O presente trabalho objetiva analisar a interpretação do Brasil de Caio Prado Júnior dentro do campo do marxismo. Para isso, analisamos sua contribuição sobre o sentido da colonização (o comércio), no qual afirma o caráter capitalista da colonização brasileira e nega a existência de qualquer resquício de um feudalismo que tenha existido brevemente (rompendo com a corrente de interpretação oficial do PCB). Portanto, ao pensar a história econômica do Brasil com a ideia de sentido da colonização, tem-se claro que foi constituída uma colônia portuguesa na América não para formar uma nova nação, mas sim para atender aos interesses comerciais de Portugal, fato que leva ao entendimento da persistência do atraso brasileiro na estrutura agrária e da reprodução da exclusão e da subordinação na sociedade brasileira, mesmo num contexto de industrialização. Tal fato, na visão de Caio Prado Júnior, denota uma nação a ser construída através da superação de tal situação, a fim de se lograr êxito a Revolução Brasileira, a qual seria realizada através de uma série de transformações que instituiriam um modelo de desenvolvimento guiado pelo Estado, que se encontraria acima da iniciativa privada, a qual não seria eliminada por completo, mas direcionada à construção de uma economia nacional. Tal proposta, contudo, não superaria o programa democrático nacional (criticado por ele no debate sobre o desenvolvimento ocorrido na década de 1950), pois o levava a crer no mito do capitalismo progressista, apesar do pioneirismo e da importância da sua contribuição para a caracterização da Revolução Brasileira.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ 3)			
Pensamento de Caio Prado Júnior; Pensamento Econômico e Social Brasileiro; Interpretação Marxista do Brasil			
ABSTRACT (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>This work aims to analyze Caio Prado's interpretation of Brazil within Marxist field. For this, we analyze his contribution about the meaning of colonization (trade), in which the states that the capitalist character of Brazilian colonization denies the existence of any vestige of a feudalism that might have existed briefly (breaking away from the official interpretation of Brazilian Communist Party(PCB) at that time). Therefore, by thinking Brazilian economic history with the idea of sense of colonization, it has become clear that a Portuguese colony was founded in America not to form a new nation, but to serve Portuguese business interests, which leads to understanding the persistence of the Brazilian delay in agrarian structure and reproduction of exclusion and subordination in Brazilian society, even in a context of industrialization. This, in Caio Prado Junior's view, denotes a nation to be built by overcoming such a situation, in order to achieve success to Brazilian Revolution, which would be accomplished through a series of transformations that would institute a development model guided by the State. A State that would find itself above the private sector, which would not be eliminated completely, but directed to the construction of a national economy. This proposal, however, would not overcome the national democratic program (criticized by him in the debate on development established in the 1950's), because it led to the believe in the myth of progressive capitalism, despite its pioneering spirit and the importance of its contribution to the characterization Brazilian Revolution.</p>			
KEYWORDS (ATÉ 3)			
Caio Prado Júnior's Thought; Economic and Social Brazilian Thought; Marxist Interpretation of Brazil			
EIXO TEMÁTICO			
Marxismo, insurreições e revoluções: teoria e história			

## CAIO PRADO JÚNIOR: uma interpretação marxista do brasil

Wilson Vieira<sup>1</sup>

Bruno Borja<sup>2</sup>

Filipe Leite Pinheiro<sup>3</sup>

Marco Antônio Martins da Rocha<sup>4</sup>

Maria Mello de Malta<sup>5</sup>

Carla Curty<sup>6</sup>

### 1. Introdução

A presente comunicação objetiva analisar a contribuição de Caio Prado Júnior na interpretação do Brasil dentro do campo do marxismo. Para isso, centraremos nossa análise primeiramente na sua contribuição sobre o sentido da colonização, isto é, o comércio, que pode ser entendido no fato de que a colônia constituída no Brasil por Portugal não tinha como objetivo constituir uma nação, mas sim ser um território fornecedor de produtos exclusivamente para a metrópole, a qual forneceria exclusivamente à colônia os bens manufaturados (o chamado exclusivo metropolitano)<sup>7</sup>.

Posteriormente, como desdobramento do sentido da colonização, chamaremos a atenção neste trabalho para a reflexão de Caio Prado Júnior sobre a permanência de traços coloniais na economia brasileira, a despeito do Processo de Industrialização por Substituição de Importações (PSI ou ISI) iniciado na década de 1930<sup>8</sup>. Tal fato, na visão de Caio Prado Júnior, denota uma nação a ser construída através da superação de tal situação, a fim de se lograr êxito a Revolução Brasileira.

Por fim, nas considerações finais, sistematizamos a discussão feita e destacamos os principais elementos da nossa reflexão sobre Caio Prado Júnior.

---

<sup>1</sup> Professor do IE-UFRJ, Pesquisador do Laboratório de Estudos Marxistas José Ricardo Tauile (LEMA), do IE-UFRJ.

<sup>2</sup> Professor da UFRRJ (Departamento de História e Economia), Pesquisador do LEMA.

<sup>3</sup> Mestrando em Economia (PPGE-FE-UFF), Pesquisador do LEMA.

<sup>4</sup> Professor do IE-UNICAMP, Pesquisador do LEMA.

<sup>5</sup> Professora do IE-UFRJ, Coordenadora do LEMA, Diretora da Sociedade Brasileira de Economia Política (SEP).

<sup>6</sup> Doutoranda em Economia (PPGE-IE-UFRJ), Pesquisadora do LEMA.

<sup>7</sup> Segundo Novais (1979), um dos maiores discípulos de Caio Prado Júnior, tal fato se inseria dentro dos objetivos do mercantilismo, num contexto de consolidação do capitalismo comercial e dos Estados nacionais modernos do Antigo Regime.

<sup>8</sup> A década de 1930 é considerada o início do antigo desenvolvimentismo (que perduraria até 1980), cujo auge se deu na segunda metade da década de 1950, período de grande debate sobre o tema. Para mais detalhes ver Bielschowsky (2000) e Cepêda (2012).

## 2. A Interpretação do Brasil de Caio Prado Jr.: O Sentido Capitalista da Colonização

Dois anos após sua entrada no Partido Comunista Brasileiro - PCB (1931), Caio Prado publicou *Evolução Política do Brasil* (1933), livro que funda a sua interpretação do processo histórico brasileiro. O que havia sido feito antes de Caio Prado, apesar do pioneirismo necessário, que deve ser levado em conta, destoa muito de uma contribuição marxista do ponto de vista do método<sup>9</sup>.

No seu primeiro livro, Caio Prado Jr. faz uma “nacionalização do marxismo” (Ricupero, 2009, p. 230), isto é, um movimento de adaptação das teorias centrais, característico da história do pensamento social brasileiro<sup>10</sup>. Ao mesmo tempo, quando esta adaptação compreende as particularidades sociohistóricas nacionais, mais que um historiador econômico marxista, tal autor se torna um intérprete marxista do Brasil<sup>11</sup>. O autor objetivava nesse trabalho realizar um estudo do processo político que conduziu o país da situação colonial à independência, centrando sua análise na superestrutura política. “Apesar de ser um estudo voltado à questão política, a perspectiva materialista direciona Caio Prado à pesquisa da base material da sociedade brasileira – já apontando o rumo futuro que tomaria sua obra” (Borja, 2013, p. 68). O movimento de independência do Brasil é apreendido diante da totalidade histórica na qual este se insere, o que demanda uma compreensão das bases materiais que sustentam as transformações na superestrutura política. Nesse quadro o autor organiza as principais disputas políticas da sociedade colonial, como podemos observar na seguinte passagem de Prado Jr. ([1933] 1983, p. 50):

A agitação que em consequência da revolução portuguesa se alastrou pelo Brasil, propagando-se de norte a sul do país, assume, por efeito da heterogeneidade de interesses e reivindicações que nela se manifestam, uma feição complexa e muitas vezes até contraditória. Encontramos nela, como vimos, forças reacionárias que não pensam senão no retorno do país ao seu passado colonial e de segregamento econômico e comercial. Ao lado destas forças alinham-se paradoxalmente outras, em particular as classes superiores da colônia que esperavam, pelo contrário, consolidar, com a revolução e o estabelecimento de um regime constitucional, as vantagens, liberdades e autonomia adquiridas pelo Brasil nos anteriores anos de

---

<sup>9</sup> Escrito por Octávio Brandão, *Agrarismo e Industrialismo* (1926) é a primeira tentativa de levar a cabo esta tarefa, sendo ponto de partida das interpretações marxistas do Brasil.

<sup>10</sup> Otto Bauer, ao contrário de vários marxistas europeus no início do século XX, vê a compatibilidade entre construção da nação e construção do socialismo. Para mais detalhes, ver Bauer ([1907] 2000), Davis (1979), Guibernau (1997), Löwy (2000) e Vieira (2010).

<sup>11</sup> Sobre intérpretes do Brasil ver os trabalhos de Malta & Borja (2013), Silva (2013), Curty (2013) disponíveis nos anais do NIEP-MARX 2013.

governo quase próprio e que tanto os favorecera. Encontramos, finalmente, as referidas forças populares, as camadas oprimidas da população brasileira que enxergavam na constituição que lhes era oferecida perspectivas de libertação econômica e social.

É do entrechoque dessas forças, procurando cada qual fazer prevalecer suas reivindicações, que resultam os diferentes fatos que constituem o agitado período que se estende de 1821 em diante.

Quanto à resultante geral dessa agitação, Prado Jr. ([1933] 1983, p. 50-51) afirma:

No desenvolvimento da revolução constitucional no Brasil é o segundo grupo de forças citadas – isto é, o “partido brasileiro” como já era então chamado e que representava as classes superiores da colônia, grandes proprietários rurais e seus aliados – que ganhará a supremacia. A reação recolonizadora, embora contando com o apoio da metrópole e das cortes portuguesas, será levada de vencida porque não era mais possível deter o curso dos acontecimentos e fazer o Brasil retrogradar na marcha da História. A isto se opunha o conjunto do país, cuja própria subsistência (...) se tornara incompatível com os estreitos quadros do antigo e já superado regime de colônia.

Quanto às camadas populares, elas não se encontravam politicamente maduras para fazerem prevalecer suas reivindicações; nem as condições objetivas do Brasil eram ainda favoráveis para sua libertação econômica e social. Daí, aliás, a descontinuidade e falta de rumo seguro nos seus movimentos, que, apesar da amplitude que por vezes atingem, não chegam nunca a propor reformas e soluções compatíveis com as condições do país.

Portanto, Caio Prado Jr., nesse livro, se torna o primeiro autor com credibilidade para ser designado intérprete marxista do Brasil, e também o primeiro a indicar uma ruptura com a corrente de interpretação oficial existente do PCB. Ele afirma o caráter capitalista da colonização brasileira e nega a existência de qualquer resquício de um feudalismo que existiu brevemente e sequer marca a formação social brasileira, desaparecendo por completo com a decomposição do sistema de sesmarias.

Estes resultados são aprimorados quase dez anos depois em *Formação do Brasil contemporâneo: colônia* (1942), com a categoria do sentido da colonização. Esse livro permite elencar Caio Prado Júnior entre os demiurgos do Brasil, ao lado de renomados intérpretes do Brasil,

como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda<sup>12</sup>. A principal preocupação de Freyre era a formação da família patriarcal, enquanto o foco de Sérgio Buarque é a ação do *ethos* do aventureiro na formação da nacionalidade. Portanto, ambos analisam aspectos particulares da nossa realidade<sup>13</sup>. “Já *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*, por meio da categoria do ‘sentido da colonização’, pode entender tanto o modo como se manifestou o *ethos* aventureiro como o processo pelo qual se formou a família patriarcal no país” (Ricupero, 2009, p.234). Ao se defrontar com as idiossincrasias da formação social brasileira o marxismo de Caio Prado busca compreender a essência destas particularidades, entendendo o patriarcado e o *ethos* aventureiro como manifestações de uma nação que possui um sentido historicamente bem definido: fornecer gêneros primários em larga escala para abastecer o mercado europeu. Portanto, ao pensar a história econômica do Brasil com a ideia de sentido da colonização, tem-se claro que foi constituída uma colônia portuguesa na América não para formar uma nova nação, mas sim para atender aos interesses comerciais de Portugal (conforme as políticas mercantilistas do Antigo Regime), fato que leva ao entendimento da persistência do atraso brasileiro na estrutura agrária e da reprodução da exclusão e da subordinação na sociedade brasileira, mesmo num contexto de industrialização. Nas palavras de Prado Jr. ([1942] 2000, p. 11):

Em suma e no essencial, todos os grandes acontecimentos desta era, que se convencionou com razão chamar dos “descobrimentos”, articulam-se num conjunto que não é senão um capítulo da história do comércio europeu. Tudo que se passa são incidentes da imensa empresa comercial a que se dedicam os países da Europa a partir do século XV, e que lhes alargará o horizonte pelo Oceano afora. Não têm outro caráter a exploração da costa africana e o descobrimento e a colonização das Ilhas pelos portugueses, o roteiro das Índias, o descobrimento da América, a exploração e ocupação de seus vários setores. É este último o capítulo que mais nos interessa aqui; mas não será, em sua essência, diferente dos outros. É sempre como traficantes que os vários povos da Europa abordarão cada uma daquelas empresas que lhes proporcionarão sua iniciativa, seus esforços, o acaso e as circunstâncias em que se achavam.

Por último, realizando uma síntese da interpretação do Brasil de Caio Prado, tem-se *História Econômica do Brasil* (1945), livro que consolida a imagem do Brasil elaborada pelo autor, no qual

---

<sup>12</sup> Podemos afirmar que Caio Prado Júnior, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda fizeram parte de um movimento que, ao contrário das interpretações anteriores a 1930, compostas de análises racistas e com pouca valorização da singularidade brasileira, se constituíram num marco definitivo da necessidade de se assumirem os valores da sociedade brasileira, diferente daqueles de outras sociedades.

<sup>13</sup> Para mais detalhes, ver Holanda (1936) e Freyre ([1933] 2006).

expõe pela primeira vez de forma completa o movimento que levou da situação colonial à década de 1930. Ao realizar um estudo detalhado das condições de gênese do presente é feito, na verdade, um estudo sobre a forma como foram produzidas e se reproduzem as relações de dependência que envolvem o Brasil.

Nesse livro, o autor analisa pela primeira vez o processo de industrialização no Brasil que começa a se verificar no início do século XX, ressaltando a sua fragilidade, fundamentalmente devido à incipiência do mercado interno, com possibilidade de reversão colonial. Ou seja, devido a tais características, nossa economia é dependente e apresenta um mercado interno pouco desenvolvido, o que limita o processo de industrialização brasileira.

E é exatamente a necessidade de constituição de uma economia nacional e a conseqüente superação da situação colonial que Caio Prado Júnior desdobra suas reflexões na caracterização da Revolução Brasileira.

### **3. A Revolução Brasileira de Caio Prado Júnior**

Caio Prado Júnior toma parte no debate sobre a Revolução Brasileira dentro do período do auge do antigo desenvolvimentismo (segunda metade da década de 1950)<sup>14</sup>, quando o desenvolvimento industrial e o crescimento econômico no período dos anos 1950 haviam aprofundado as contradições da economia brasileira ao seu limite, polarizando as posições políticas e trazendo o vocabulário da revolução ao debate.

Embora o acelerado processo de transformação econômica durante os anos 1950 tenha contribuído para a ideia de revolução social, foi a desaceleração econômica no final da década que fortaleceu o movimento intelectual em torno do debate sobre a Revolução Brasileira.

Nesse contexto, os desequilíbrios acumulados por esse desenvolvimento subordinado, cujos fenômenos mais destacados seriam a inflação e o endividamento externo, assim como a grande penetração do capital estrangeiro durante o governo JK, acirraram as agitações em torno de uma agenda nacionalista de desenvolvimento econômico, forjada por uma ideologia própria, o Nacional-Desenvolvimentismo, que encontraria no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) seu principal formulador, e que contaria com a adesão do PCB<sup>15</sup>.

Portanto, é no contexto acima descrito que estão inseridos os três grandes trabalhos de Caio Prado Júnior na década de 1960 – que serão também seus últimos trabalhos de maior projeção – *Esboços dos fundamentos da teoria econômica* (1960), *A Revolução Brasileira* (1966) e *História e desenvolvimento: a contribuição da historiografia para a teoria e prática do desenvolvimento*

---

<sup>14</sup> Para mais detalhes, ver Bielschowsky (2000) e Cepêda (2012).

<sup>15</sup> Para mais detalhes, ver Jaguaribe (1969), Toledo (1997) e Da Rocha (2011).

*brasileiro* (1968), os quais formam um conjunto teórico que Prado Júnior explicita formalmente o conteúdo de sua divergência, tanto teórica como prática, da agenda do PCB<sup>16</sup> e dos desenvolvimentistas.

No primeiro dos livros (Prado Júnior, 1960), segundo o próprio autor e em sintonia com o debate do período, busca-se realizar um esforço de síntese para superar a divisão metodológica existente nas Ciências Econômicas, integrando a Economia Política, a História Econômica e a História das Doutrinas Econômicas. Nesse esforço, Prado Júnior procurava embasar o desenvolvimento econômico de países subdesenvolvidos como o Brasil em uma teoria que contemplasse a natureza específica de economias marcadas pela subordinação e situação de dependência quanto à divisão internacional do trabalho. Logo, o livro de 1968, *História e desenvolvimento*, como o próprio subtítulo já informa, marca um retorno ao tema, isto é, Caio Prado procura emprestar ao conceito de desenvolvimento econômico tal qual ele é tratado na teoria econômica e no debate político, uma dimensão histórica específica. O livro de 1968 representa, em grande parte, uma síntese conclusiva do sentido da obra de Caio Prado, integrando o sentido da evolução histórica da estrutura socioeconômica brasileira, apresentada ao longo da obra do autor, com uma política autêntica de superação deste sentido, entendida por ele como o que seria o real sentido do desenvolvimento nacional, sobretudo, no tocante à superação da dinâmica de reprodução das estruturas sociais tipicamente coloniais que bloqueiam a formação da economia nacional integrada, como denomina o autor.

Em *A Revolução Brasileira*, o autor procura apresentar seus pontos de divergência em relação à estratégia revolucionária proposta pela ala majoritária da esquerda brasileira. Ao mesmo tempo, fornece indícios de que sua perspectiva sobre o desenvolvimento econômico estava ligada diretamente à sua concepção de Revolução Brasileira, ou seja, que o desenvolvimento econômico autêntico só poderia ser realizado através da superação do sentido colonial da estrutura econômica brasileira, ou seja, através da formação de uma “coletividade nacionalmente integrada, isto é, voltada para si mesma” (Prado Júnior, 1966, p.86). Apesar da semelhança na forma como o conceito é tratado entre os autores, Caio Prado distingue sua divergência quanto à perspectiva, ainda que por vezes, implícita em alguns autores, que associava a Revolução Brasileira diretamente ao desenvolvimento das forças produtivas.

Caio Prado, seguindo a formulação típica do debate, argumenta que basicamente as economias podem ser classificadas em economias coloniais, economias em transição e economias nacionais, isto é, que lograram constituir uma Nação (Prado Júnior, 1966). Para o autor, o Brasil havia dado um passo importante no sentido da transição para uma verdadeira economia nacional, que foi a independência política em relação a Portugal, possibilitando a internalização dos centros

---

<sup>16</sup> Para mais detalhes, ver Reis (2000).

decisórios sobre a política nacional (Prado Júnior, [1933] 2007). O país se encontrava, portanto, em uma posição de transição, que poderia resultar tanto na formação da Nação quanto em uma reversão colonial. A característica geral dessa economia em transição encontra-se no fato de que a internalização dos centros decisórios sobre a economia não rompeu com os laços de dependência e subordinação ao sistema capitalista internacional (Prado Júnior, 1960a). Ou seja, a revolução possui um caráter processual<sup>17</sup>.

Entretanto, a despeito de uma tentativa de diferenciação pela qualificação dos conflitos no campo e por uma estratégia distinta da perspectiva democrático-nacional, Caio Prado não consegue superar essa concepção. O modelo proposto pelo autor consiste em uma série de transformações que instituam um modelo de desenvolvimento guiado pelo Estado, que se encontraria acima da iniciativa privada. Este processo não acabaria por completo com tal iniciativa, mas a direcionaria para as finalidades da população, no intuito de construir uma economia nacional, forma de superação da economia colonial. Nesse sentido, a condição de miséria e os baixos padrões de vida que assolam a maioria da população brasileira não é fruto da exploração capitalista, mas de uma debilidade da iniciativa privada na promoção dos interesses nacionais.

A tentativa de se afastar do programa democrático nacional, longe de conduzir à sua superação, leva o autor a crer no mito do capitalismo progressista. Assim, apesar de indicar a direção que a crítica deveria tomar, o que faz com que sua obra seja de grande influência para a tradição marxista posterior, o historiador paulista não supera o programa democrático nacional. Portanto, apesar do caráter pioneiro e da importância da sua contribuição para a caracterização da Revolução Brasileira referenciada em tal realidade, Caio Prado falha ao apresentar uma solução para o problema.

#### **4. Considerações Finais**

Observamos anteriormente que as formulações sobre o processo histórico do Brasil que tem início em 1933 com a publicação de *Evolução Política do Brasil*, e que continua com *Formação do Brasil contemporâneo: colônia* (1942) com a formulação do “sentido da colonização”, concluindo-se com *História Econômica do Brasil* em 1945, mostram a originalidade do autor ao afirmar o caráter capitalista da colonização, desviando das interpretações oficiais do PCB. Esse

---

<sup>17</sup> Para sustentar sua perspectiva de revolução Caio Prado utiliza a observação de Marx, que nota que os problemas sociais de uma determinada época nunca se propõem sem que, ao mesmo tempo, a solução destes problemas se apresente concretamente, o que descarta soluções idealistas e descoladas da realidade, que provém de cérebros iluminados. Com isso, o autor leva a cabo a sua crítica ao dogmatismo e ao etapismo presentes na visão oficial do PCB, que propõe uma solução importada, e, portanto, descolada da realidade para o problema da revolução brasileira. Tanto a caracterização feudal do passado colonial brasileiro, como o programa democrático popular sustentado por esta interpretação, partiam dos esquemas aprioristas da III Internacional.



desenvolvimento original e crítico tem sua continuação, em circunstâncias adversas, no livro *A Revolução Brasileira* (1966), cuja interpretação é retomada de forma conjunta com a caracterização da Revolução Brasileira. Deste modo é possível demonstrar a articulação que existe entre a interpretação do Brasil de Caio Prado e sua caracterização da Revolução Brasileira enquanto momento de intervenção na realidade, pois se almejava superar os traços coloniais ainda existentes na economia brasileira, mesmo com a industrialização substitutiva de importações iniciada em 1930, pois ainda se encontrava numa situação de dependência para com os países do centro capitalista.

Contudo, a despeito da originalidade de suas formulações, o historiador paulista não consegue através de suas propostas superar o programa democrático popular, sustentado pela reflexão oficial do PCB, mesmo possuindo uma argumentação mais contundente e coerente. Entretanto, sua interpretação abre caminho para uma geração de pensadores marxistas que posteriormente iriam se debruçar sobre a realidade brasileira (tais como Fernando Novais, Jacob Gorender e Nelson Werneck Sodré). Deste modo, a obra de Caio Prado Jr. deve ser encarada como uma grande e notória interpretação da realidade brasileira, mas não deve ser aceita acrítica e dogmaticamente, como o é na maioria das vezes. Esta deve ser vista da mesma forma que o autor se colocava diante das formulações da esquerda de sua época, em uma perspectiva crítica e teoricamente referenciada no pensamento de Karl Marx<sup>18</sup>.

## 5. Referências Bibliográficas

BAUER, Otto. “A nação.” In: BALAKRISHNAN, Gopal (org.). *Um mapa da questão nacional*. 1ª edição [1907]. Rio de Janeiro, Contraponto, 2000.

BIELSCHOWSKY, Ricardo. *Pensamento econômico brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo*. 5. ed. Rio de Janeiro, Contraponto, 2000.

BORJA, Bruno. *A formação da teoria do subdesenvolvimento de Celso Furtado*. 2013. Tese (Doutorado em Economia) – PPGE-IE-UFRJ.

CEPÊDA, Vera. Inclusão, democracia e novo desenvolvimentismo – um balanço histórico. *Estudos Avançados*, 26 (75), p. 77-90, 2012.

CURTY, Carla. “A economia política como caminho para as interpretações do Brasil: apontamentos sobre questões metodológicas para a história do pensamento econômico brasileiro.” In: *Colóquio Internacional Marx e o Marxismo 2013*, Niterói, 2013. *Anais do Marx e o Marxismo 2013: Marx hoje, 130 anos depois*, 2013.

---

<sup>18</sup> Sobre a Revolução Brasileira, ver Werneck Sodré (1963), e sobre a Revolução Brasileira no pensamento de Caio Prado Júnior, ver Coutinho (1989) e Pinheiro (2013).

DA ROCHA, Marco Antonio Martins. “Revolução Brasileira, Dualidade e Desenvolvimento: do Nacional-Desenvolvimentismo a Escola de Sociologia da USP.” In: MALTA, M. (org.). *Ecos do desenvolvimento: uma história do pensamento econômico brasileiro*. Rio de Janeiro, IPEA, 2011.

DAVIS, Horace B. *Para uma teoria marxista do nacionalismo*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. 51. ed. rev. São Paulo: Global, 2006 [1933].

GUIBERNAU, Montserrat. *Nacionalismos: o Estado Nacional e o nacionalismo no século XX*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1936.

JAGUARIBE, Hélio. *Desenvolvimento econômico e desenvolvimento político: uma abordagem teórica e um estudo de caso brasileiro*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1969.

LÖWY, Michael. *Nacionalismos e internacionalismos*. São Paulo, Xamã, 2000.

MALTA, Maria; BORJA, Bruno. “Interpretações do Brasil: uma proposta de acesso metodológico ao pensamento econômico brasileiro.” In: *Niep Marx* (anais), 2013.

MARX, Karl. *Teorias da mais-valia: história crítica do pensamento econômico*. 1ª edição [1905]. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1987.

NOVAIS, Fernando Antonio. *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777-1808)*. São Paulo, Hucitec, 1979.

PINHEIRO, Filipe Leite. *As interpretações do Brasil de Caio Prado Jr. e Nelson Werneck Sodr e: um debate sobre a revolução brasileira*. 2013. Monografia (Bacharelado em Ciências Econômicas) – Graduação em Ciências Econômicas do IE-UFRJ.

PRADO JÚNIOR, Caio. *Evolução política do Brasil: Colônia e Império*. 1ª edição [1933]. São Paulo, Brasiliense, 1983.

\_\_\_\_\_. *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*. 1ª edição [1942]. São Paulo, Brasiliense; Publifolha, 2000.

\_\_\_\_\_. *História econômica do Brasil*. 1ª edição [1945]. São Paulo, Brasiliense, 1969.

\_\_\_\_\_. *Esboço dos fundamentos da teoria econômica*. São Paulo, Brasiliense, 1960.

\_\_\_\_\_. *A Revolu o Brasileira*. 1ª edição [1966]. São Paulo, Brasiliense, 2004.

\_\_\_\_\_. *História e desenvolvimento: a contribui o da historiografia para a teoria e prática do desenvolvimento brasileiro*. 1ª edição [1968]. São Paulo, Brasiliense, 1999.

REIS, Daniel Ara o. “Entre reforma e revolu o: a trajetória do Partido Comunista no Brasil entre 1943 e 1964.” In: RIDENTI, Marcelo; REIS, Daniel. Ara o. (orgs.). *História do marxismo no Brasil*. Campinas, Unicamp, 2000, volume 5 (Partidos e organiza es dos anos 1920 aos 1960).

RICUPERO, Bernardo. “Caio Prado Júnior e o lugar do Brasil no mundo.” *In*: BOTELHO, A.; SILVA, Juliana. “Por que interpretar o Brasil?” *In*: *Niep Marx* (anais), 2013.

TOLEDO, Caio Navarro. *ISEB: fábrica de ideologias*. Campinas, Unicamp, 1997.

VIEIRA, Wilson. *A construção da nação no pensamento de Celso Furtado*. 2010. Tese (Doutorado em Sociologia) – PPGS-IFCH-UNICAMP.

WERNECK SODRÉ, Nelson. *Introdução à Revolução Brasileira*. 1ª edição [1958]. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1963.